



Conversatório 2: Avanços e retrocessos na construção da agroecologia feminista e antirracista.

Luana de Brito, Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Faz parte dos grupos de pesquisa Núcleo de Estudos Negros (NEN-SC), Teia de Articulação pelo Fortalecimento da Segurança Alimentar e Nutricional (TearSAN), Grupo de Pesquisas e Intervenções Sociedade, Educação e Desigualdades (SOCIEDUDES) e Grupo de Segurança Alimentar Quilombola - Escola de Enfermagem e Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia - UFRGS. Atua no Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (FBSSAN), Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB) como representante da Rede de Mulheres Negras para Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (REDESSAN Mulheres Negras).

“Grata. Boa noite a todas e todos que estão nos assistindo. Primeiramente quero pedir licença aos meus mais velhos, aos meus mais novos para que a gente possa também ter uma troca, uma conversa aqui, que nesses momentos que estamos, principalmente neste contexto pandêmico, nos fortaleça, nos dê força para continuar na caminhada. Então é isso, sou Luana de Brito, falo aqui de Florianópolis, Santa Catarina, atuo com a pauta, e aí em vários movimentos que a gente está sempre a frente, articulando, falo principalmente das mulheres negras, do lugar em que ocupo, do lugar em que estou. Óbvio que a gente tem muitas especificidades também dentro do movimento de mulheres negra. Então eu agradeço mais uma vez o convite de estar aqui com vocês.

Algumas faz muito tempo que eu não vejo pessoalmente, acho que a última vez que a gente se viu foi nos encontros. E estamos tendo então a possibilidade de fazer essa aglomeração virtual aqui com essas trocas. Então agradecer mais uma vez o GT de Mulheres da ABA por essa possibilidade, por essa oportunidade.

E para falarmos de avanços e retrocessos na construção da Agroecologia feminista e antirracista eu separei aqui alguns pontos para nos auxiliar. Eu acho que também seja importante para a gente compreender de fato o que significa cada ponto desse no movimento da Agroecologia. Eu sempre falo e sempre vou falar que feminismo é no plural, é feminismos, porque nós somos amplas, múltiplas e cada uma dentro do seu território, dentro das suas especificidades. A gente precisa pontuar e marcar de fato de que lugar que a gente tá falando, e de que somos múltiplas, e é preciso também compreender esses espaços que a gente ocupa. Então eu convido vocês também pra pensar, nós aqui da mesa, mas também quem tá assistindo a gente, eu separei assim pra gente pensar Agroecologia, o tema da nossa mesa, em sete pontos. Eu coloquei assim pra pensar o primeiro:

- 1) Agroecologia como um estilo de vida. E aí também um estilo de vida entre aspas para gente pensar nisso, porque aí também a gente pode entrar em várias questões, desde os agricultores e agricultoras, desde pesquisador e pesquisadoras, militantes, articuladores, enfim, pra gente pensar dessa perspectiva, né? Agroecologia principalmente com esse tema do feminismo e antirracismo
- 2) Agroecologia como uma causa, dentro dos territórios que a gente atua, dos territórios que a gente circula, dos espaços
- 3) Agroecologia como uma política pública, que a gente sabe muito bem que no Brasil somos uma das referências principalmente em políticas públicas na área. Então a gente tem aí PNAE, tem ai PAA, tem ai outros tantos, no qual a Agroecologia atravessa, ela tá ali dentro, numa perspectiva também de uma Agroecologia mais ampla

- 4) Agroecologia nesse atual contexto, principalmente no capitalismo, pra gente pensar nisso, e todas as interfaces, as esferas que isso vai
- 5) Agroecologia como consciência coletiva, desde enfim, todo o movimento que significa e que está
- 6) Agroecologia como um ato político, desde de toda a amplitude que é a Agroecologia nesse contexto.
E nesse momento que a gente tá
- 7) Agroecologia em tempo de crise. Então a gente aí vai falar de Agroecologia num momento de crise política, Agroecologia numa crise ambiental, numa crise sanitária, numa crise econômica, e as disputas principalmente que acontecem nesse contexto em que a gente está, mas antes também desse contexto pandêmico.

Mas a gente nesse momento aqui, e como nos avanços e retrocessos na construção, a gente pensar a Agroecologia em todos esses pontos. Então a minha fala vai passar por isso. São esses pontos que eu trouxe pra gente poder conversar e trocar aqui. Então assim, partindo do lugar que eu estudo, que eu articulo com a pauta da Agroecologia, a gente precisa também principalmente compreender quando a gente vai falar de Agroecologia, principalmente também nos territórios, e aqui também, quando a gente fala do feminismo também a gente tem que tomar bastante cuidado, é ponto de extrema atenção a todo momento, e em toda a história do feminismo, né, enfim, mas que de fato em alguns momentos, em alguns lugares, ela de fato não consegue dar conta, e eu acho que de fato não vai dar conta, mas cabe a nós enquanto mulheres dentro desse espaço, ter esse cuidado, a gente não vai dar conta de fato de todas as especificidades, né? Eu Luana, mulher negra, falando daqui do sul do Brasil, de como que isso atravessa. E quando a Graciele que você, eu achei bem importante a sua fala, mas de uma certa maneira você é uma mulher negra, você sempre foi uma mulher negra, você sempre vai ser uma mulher negra. Não é porque você se descobriu negra agora, não, não é isso, é porque é tanta coisa que acontece com a gente, principalmente desse atravessamento,

desse embranquecimento, desse mito da democracia racial que ainda existe neste país, que acontece isso. Quando a gente vai também em muitos espaços que são de fato muito embranquecidos, é muito violento pra gente estar nesses espaços e como que a gente também consegue criar estratégias para estar nesses espaços, se sentir acolhidas dentro desses espaços. Também tem muito dos territórios, dos espaços que a gente está né? Então é totalmente diferente, eu Luana no Sul do Brasil, e cada uma de nós que está em algum lugar, algum território, alguma região né? Eu acho que as vezes também falta um pouco desse cuidado, desse olhar, de a gente compreender muito isso né? Porque eu tenho uma vivência, uma experiência dentro do movimento, dentro do espaço né? Cada uma de nós aqui, tem uma experiência, uma vivência, dentro do espaço. A gente também tem uma questão muito importante, que é um ponto de atenção pra gente estar pensando que são ...(áudio fechou)... pensar que a gente tem dentro desses espaços as questões dos conflitos geracionais que a gente fala né? Então tem as mais jovens chegando aí, tem as mais velhas que também já estão a muito tempo na caminhada e a gente jamais vai desconsiderar isso. Quando eu falo isso também, é muito por uma questão que é isso, a gente sempre fala né, nós mulheres negras, nossos passos vêm de muito longe, então a gente sempre honra muito quem veio antes da gente, a gente respeita muito esse caminho. Só que tem várias questões que vão acontecendo, né? De atualização de muita coisa, as vezes a gente não dá conta também, nem as mais jovens as vezes conseguem dar conta de várias coisas. Então uma pauta que as vezes pode ser importante pra uma mais jovem talvez não seja tão relevante pra quem já está a mais tempo na caminhada e isso não desconsidera nem um pouco, nada do trabalho do movimento. Mas só de a gente ter essa consideração e esse respeito de que é isso: pensamos diferente! Que bom! Atuamos de maneiras diferentes, nos movimentamos também de maneiras diferentes, então... as vezes também perpassa muito por isso, as vezes também vem alguns conflitos, algumas coisas, mas é isso, faz parte desse processo pra gente avançar de fato e compreender o que significa a gente estar falando de feminismo e antirracismo no Brasil, esse país super, hiper amplo e com muitas

especificidades, muitos pontos de atenção a todo momento. Isso também é uma questão que também é muito importante de a gente estar sempre trazendo dentro das pesquisas e dos lugares que a gente atua, mas sempre tendo muito em vista essas particularidades, esses lugares. Aí as vezes, dependendo da região que a gente tá, quando a gente vai falar de Agroecologia, eu vejo um pouco aqui do sul, que é onde eu vivo, de onde eu experencio, a Agroecologia as vezes chega pra mim, com uma visão, é comunicado de uma determinada maneira que é totalmente [diferente do que é] comunicado na Bahia, e totalmente [diferente do que é] comunicado no Mato Grosso. E também essa questão toda que perpassa, que as vezes ainda aparece muito uma Agroecologia muito embranquecida, né? Quem são de fato essas pessoas que estão aparecendo nesses lugares, sejam nas comunicações, sejam nas organizações. Também tem muito essa questão desse debate de raça mesmo dentro do movimento. A gente precisa falar de classe, a gente precisa falar de raça, a gente precisa falar de gênero. Uma coisa está muito interligada a outra. Senão a gente vai estar sempre colocando no mesmo lugar as mulheres, e não, não somos todas iguais, a gente tem as nossas especificidades, nós temos as nossas culturas, os nossos estilos de vida, então a gente precisa estar sempre pontuando pra gente não estar sempre colocando nesse mesmo lugar assim. Então é isso, quando a gente fala de mulheres é isso, somos múltiplas, somos muitas e vivemos em um país onde precisamos de fato fazer alguns marcadores, marcadores de raça, marcadores de classe, também perpassa muito isso. Se a gente entrar mais a fundo nessa questão da Agroecologia, a gente vai ter que entrar em acesso, quem tem acesso, pra eu falar hoje de Agroecologia também, dependendo se é produção, se é produtor, terra, quem é que tem acesso a terra, quem consegue produzir alimentos agroecológicos. Como que chega também essas questões mais burocráticas para um produtor ter acesso a toda essa gama que a Agroecologia tem. Então acho que a gente ainda precisa estar ressaltando muito isso, desses avanços que a gente precisar estar tendo da estrutura, da questão estrutural das questões que a Agroecologia perpassa. Então Agroecologia é um movimento que ao meu ver está há muitos anos no Brasil, e fora do Brasil, na América

Latina, porque são modos tradicionais que os indígenas, os quilombolas há muito tempo já fazem, e faziam antes, dentro dos seus territórios com os seus modos de viver. Então óbvio que vem toda a questão dos estudos, e aí quando entra para uma linha mais pra dentro da universidade, da academia, então aí também começam a vir outros caminhos da Agroecologia. Mas falando muito disso, e acho que lembrando também principalmente isso, a Agroecologia já existe há muito tempo, isso é muito importante de pontuar. Uma vez eu ouvi a Elisa falando, a gente estava num encontro em BH, e ela falando também do território, talvez depois ela pode trazer um pouco a experiência. O estudo dela é muito bacana, onde também ela fala desse lugar, do povo com quem ela vive.

Eu quis trazer esses pontos para a gente estar pensando, dar esse start de a gente de fato pensar mais, e pensar, refletir e agir de fato, tomar mais essa ação, principalmente nas produções acadêmicas, que a gente sabe que querendo ou não, isso também é de extrema relevância. Mas pensar pra além também da produção acadêmica, que a gente sabe também que tem gente que não consegue acessar esse tipo de material, enfim, mas como que a gente pode também fazer mais essa aproximação, uma linguagem mais popular, uma comunicação mais acessível para todos e que de fato a gente tenha mais avanços. A gente já avançou bastante, mas a gente ainda precisa avançar, principalmente nesse contexto que a gente tá, principalmente com tudo que ainda está por vir, e que vai vir com esse desmonte todo aí. Então é pensar de fato nessa estrutura, o que que a gente quer de fato que a Agroecologia tenha continuidade, dê continuidade.

Então fico por aqui, e a gente continua essa prosa aí.

Assista o vídeo do através do QRCode Conversatório 2 Mulheres e as tecnologias na agroecologia:

